

A FALA E ESCUTA COMO POSSIBILIDADE DE ENFRENTAMENTO BIOPSISSOCIAL NO TRATAMENTO DA DEPENDÊNCIA QUÍMICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Área temática: Saúde

Coordenador: Neudson Johnson Martinho¹

Autores: Daniel Aloise Silva², Gabriel de Lima Araújo³

RESUMO: O consumo de substâncias que alteram a consciência é uma prática milenar realizada por diversos povos e culturas em diferentes períodos históricos. Contudo, ao longo dos séculos com a mercantilização e intercâmbio global de recursos naturais, as substâncias hoje denominadas “drogas”, perderam seu caráter de elemento social e cultural de outrora. Projetos de Extensão que englobem dependentes químicos são de extrema importância em todo o mundo, em consequência da incidência do aumento constante desse tipo de dependência. Este trabalho é um recorte de um projeto de extensão com dependentes químicos e seu codependentes, desenvolvidos por bolsistas do Grupo de Pesquisas PEMEDUTS, na comunidade terapêutica Sítio São José de Anchieta. Metodologicamente tem uma abordagem qualitativa e objetiva descrever a importância dos espaços de fala e escuta nos projetos de extensão, como uma possibilidade de estratégia para enfrentamento biopsicossocial no tratamento da dependência química. Ao possibilitar esses espaços entre os dependentes químicos observamos a fluidez de reflexões coletivas sobre autoconhecimento e autocuidado, através da tessitura de uma relação dialogal e de identificação (de si e do outro) através da roda de conversa. Consideramos que a ação desenvolvida no projeto possibilitou trabalhar vários fatores que podem facilitar e desatramancar as fases iniciais do processo de tratamento dos dependentes, conduzindo-os ao autoconhecimento, aceitação de si e do outro e a disposição para mudanças comportamentais.

Palavras-chave: Dependência Química, Espaços de fala, Espaços de escuta, Mudanças Comportamentais.

1 INTRODUÇÃO

A psicanálise freudiana utiliza a fala de um indivíduo como forma de expressão da demanda a ser compreendida em sua dor consciente ou inconsciente. Somado a isso, o espaço de escuta é utilizado como mecanismo de acesso a parte que o homem desconhece de si mesmo. Nesse contexto é criado um ambiente de

¹ Doutor em educação, professor adjunto da faculdade de medicina da universidade federal de mato grosso, Coordenador do Projeto, e-mail: neudsonjm@hotmail.com

² Acadêmico de graduação em Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso.

³ Acadêmico de graduação em Medicina da Universidade Federal de Mato Grosso.

comunicação simbólica onde circulam demandas que necessitam de (re)significações que possibilitem a manifestação dos conteúdos latentes do inconsciente trazendo-a para a consciência, possibilitando assim, uma reflexão e compreensão de si. A escuta simbólica como técnica psicanalítica é um ponto fundamental no campo intersubjetivo e funciona como mecanismo terapêutico eficaz na recuperação de dependentes químicos (MACEDO, 2005).

É sabido que o consumo de substâncias que alteram a consciência é uma prática milenar realizada por diversos povos e culturas em diferentes períodos históricos. Contudo, ao longo dos séculos com a mercantilização e intercâmbio global de recursos naturais que culminaram em conflitos econômicos e de interesses, as substâncias hoje denominadas “drogas”, perderam seu caráter de consumo cultural entrando, também, dentro de uma lógica “pré-capitalista”, como a Guerra do Ópio que se desenrolou no mesmo período da Revolução Industrial. A partir de então diversas substâncias foram proibidas, a não ser com autorização médica (DE CARVALHO, 2011). Neste contexto, após a contraditória proibição e disseminação das substâncias, a droga pode ser considerada um elemento social e cultural presente em diversas parcelas da sociedade, entretanto com outra “função” da inicial. (RIBEIRO, 2009).

O estudo com a população portadora da chamada “dependência química” é importante devido, também, ao aumento constante do consumo de substâncias, sem desconsiderar as diversas formas de relação entre sujeito, substância e sociedade e o sofrimento advindo destas relações (SZUPSYNSKI, 2008).

Com base nos estudos supracitados e sensibilizado com as demandas das populações vulneráveis e excluídas socialmente, o Grupo de Pesquisas Multiprofissionais em Educação e Tecnologias em Saúde (PEMEDUTS), elaborou e desenvolve dentre outros projetos de extensão, o projeto “O lugar das drogas no sujeito e do sujeito nas drogas: Diálogos e intervenções com dependentes químicos e seus familiares no enfrentamento das toxicomanias”, do qual, fizemos um recorte neste trabalho.

Trata-se de um estudo com abordagem qualitativa, tendo em vista seu objeto de ação e compreensão. O Projeto de extensão em epígrafe é desenvolvido com a metodologia da roda de conversa, subsidiada na pedagogia de Paulo Freire, na fenomenologia merleau-pontyana e em elementos da abordagem psicanalítica. As

ações extensionista são executadas por bolsistas e voluntários do PEMEDUTS na comunidade terapêutica Sítio São José de Anchieta, localizada no município de Nossa Senhora do Livramento - MT, cujo público são jovens dependentes químicos em recuperação e seus codependentes (Familiares).

As ações interventivas possibilitam reflexões sobre o autoconhecimento e autocuidado, através da relação dialogal e de identificação (de si e do outro), utilizando a metodologia da roda de conversa como estratégia para promover o espaço de fala e escuta.

As rodas de conversa são ambientes de fala e de principalmente escuta em que todos possam se sentir à vontade para partilhar, complementar, concordar ou mesmo discordar de uma outra fala. Neste contexto, conversar significa “compreender com mais profundidade, refletir mais e ponderar, no sentido de compartilhar”. Assim, a roda de conversa possibilita a construção e reconstrução de conceitos e de argumentos através da escuta e do diálogo com os pares e consigo mesmo (MOURA, 2014). Destaca-se, ainda, que esse diálogo representa o pensar e o falar de “indivíduos com histórias de vida diferentes e maneiras próprias de pensar e de sentir, de modo que os diálogos, nascidos desse encontro, não obedecem a uma mesma lógica” (WARSCHAUER, 2002).

A reabilitação destes sujeitos pode ser considerada desafiadora tanto para os mesmos, quanto pelos profissionais interventores por inúmeros fatores. Aspectos neurológicos, psicológicos, sociais e culturais interferem direta ou indiretamente no tratamento, tornando a habilidade de recuperar a si uma conquista geralmente alcançada com certa dificuldade.

As dificuldades são evidenciadas, por exemplo, nos estágios iniciais do processo de recuperação propostos por Prochaska e DiClemente. As fases de pré ponderação e de ponderação, são marcadas por não considerar ou ter dúvidas (ambivalência) de sua disponibilidade para aderir ao tratamento (NUNES, 2011).

2 DESENVOLVIMENTO

Os espaços de fala e escuta através de rodas de conversa promovidos pelo projeto de extensão na comunidade terapêutica são executados por bolsistas e voluntários do grupo de pesquisa PEMEDUTS, que funciona na faculdade de medicina

da UFMT. Esse grupo de bolsistas e voluntários é composto por alunos dos cursos de medicina, psicologia, serviço social, nutrição, física e saúde coletiva.

Para que a ação flua com leveza, utiliza-se uma dinâmica facilitadora e estimuladora da participação de acordo com o tema gerador a ser dialogado no dia, podendo ser uma música relacionada ao tema para reflexão posterior ou outras estratégias, trabalhando-se assim vários temas geradores no decorrer do projeto, todos visando trabalhar as etapas ou fases de mudanças comportamentais no processo de recuperação da dependência química.

Dentre as etapas de mudança comportamental, a “ambivalência e a recaída” são as mais frequentes, levando os dependentes retornarem ao início das etapas, o que não implica dizer que todas ocorram seguidamente numa ordem sistemática.

Aqui citaremos apenas uma das dinâmicas utilizadas durante as rodas de conversas, a *dinâmica do espelho*, esta possibilitou trabalhar elementos da existência humana como: o autoconhecimento, a auto aceitação, autoconfiança e crença na capacidade de mudança. Nela, os participantes foram convidados a observar, individualmente, através de uma caixa artesanal a imagem da pessoa mais importante para cada um deles. Cada um deles se aproximou e encontraram ali sua própria imagem refletida por um espelho. Após, foi proposto a cada um fazer leitura das seguintes perguntas: 1- Eu me conheço? Gosto de mim e me aceito? 2- O que é mais importante para mim hoje? 3- Confio na minha capacidade de realizar mudança na minha vida?

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Como já mencionado, este trabalho é qualitativo, o que não comporta a apresentação de gráficos ou tabelas para mostrar seus resultados. Nessa perspectiva, faremos um relato quanto a compreensão dos fenômenos observados durante a execução das rodas de conversa com os jovens dependentes químicos.

A roda de conversa, a partir do momento em que proporciona um lugar de fala à esta população, que vêm sido negligenciada, calada e marginalizada pela sociedade ao longo dos séculos como disserta Foucault (1978) proporciona a interação entre pares em um contexto social diferente do usual (consumo das

substâncias, relação de opressão e oprimido, etc.), não com o intuito de “curar” o transtorno, mas de proporcionar uma elaboração subjetiva e social

(autoconhecimento, autocuidado, relações afetivas, etc.) emancipatória:

é interessante pensar que, quando propomos uma atividade lúdica ou expressiva em um grupo, estar em tarefa não é somente realizar o proposto; de fato, por vezes a proposta é apenas um meio para que se trabalhem determinados aspectos internos e vinculares (CASTANHO, p. 58, 2012).

O processo dinâmico da roda em si é positivo por possibilitar que diversas temáticas subjetivas sejam trabalhadas de forma interdependentes como a empatia, a identificação, o “conflito” de ideias e comportamentos a resistência à mudança, como observado por Kantorski (2005).

O sucesso da dinâmica é melhor observado quando entendemos o entusiasmo, recepção, comunicação ativa e bom-humor dos internos, mesmo reclusos da sociedade externa, a partir de uma percepção da eficácia do processo biopsicossocial gerado através das interações:

dizer que o grupo é mais do que a soma de seus membros, do mesmo modo que um relógio é mais do que a soma de suas peças. Para Foucault, a analogia é com o sistema nervoso: o grupo é uma entidade distinta da soma dos indivíduos do mesmo modo que a soma dos neurônios não nos dá a compreensão direta sobre o psiquismo (CASTANHO, p 51, 2012).

Na socialização sobre a dinâmica, alguns diziam se conhecer, outros diziam estar em constante mudança e que era impossível se conhecer por completo. Contudo, houve concordância da importância da consciência sobre o estado de constante mudança. Quanto ao segundo questionamento (*Me aceito?*) os participantes disseram que antes da internação isso era difícil, mas que estavam vivendo uma transformação e que se sentiam mais realizados consigo mesmos.

O próximo questionamento (*O que é mais importante para mim hoje?*) também teve os mais variados desejos compartilhados. Foram compartilhadas a vontade de rever os filhos, reconstruir a vida, abandonar o vício e até mesmo a abstinência sentida no momento da roda, evidenciada e relatada por um participante. Todos participaram da dinâmica e demonstraram também empatia durante o depoimento dos colegas, fator estopim e essencial para o sucesso das terapias grupais com dependentes químicos como observado por Kantorski (2005).

A última pergunta (*Confio na minha capacidade de realizar mudança na minha vida?*) levou a maioria dos participantes a concluir que sim, contudo três internos afirmaram que ainda não estavam completamente seguros quanto a isso.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ação foi proveitosa de uma maneira geral, contudo, é necessário compreender a subjetividade individual dos internos e não desconsiderar suas demandas específicas, sendo importante observá-los futuramente de forma individual, pelo fator da relação única estabelecida entre sujeito e substância e as diferentes fases de recuperação e de vida experienciadas por cada interno.

REFERÊNCIAS

CASTANHO, Pablo. Uma introdução aos grupos operativos: teoria e técnica. Vínculo-Revista do NESME, v. 9, n. 1, 2012.

DE CARVALHO, Jonatas C. A PRODUÇÃO DE LEIS E NORMAS SOBRE DROGAS NO BRASIL: A GOVERNAMENTALIDADE DA CRIMINALIZAÇÃO. 2011.

FOUCAULT, Michel. História da loucura. História da loucura, 1978.

KANTORSKI, Luciane Prado; LISBOA, Liliane de Mello; SOUZA, Jacqueline de. Grupo de prevenção de recaídas de álcool e outras drogas. SMAD. Revista eletrônica saúde mental álcool e drogas, v. 1, n. 1, p. 0-0, 2005.

MACEDO, M.M.K.; FALCÃO, C.N.B. A escuta na psicanálise da escuta. Revista Psychê, São Paulo, v.9, n.15, p. 65-76, jun. 2005.

MOURA, A.F.; LIMA, M.G. A reinvenção da roda: roda de conversa: um instrumento metodológico possível. Revista Temas em Educação, João Pessoa, v. 23, n.1, p. 98106, jun. 2014.

NUNES, S.O.V.; CASTRO, M.R.P. Habilidades Motivacionais. In NUNES, S.O.V.; CASTRO, M.R.P. (org.) Tabagismo: Abordagem, prevenção e tratamento [online]. Londrina: EDUEL, 2011. p. 67-80.

RIBEIRO, C.T. Que lugar para as drogas no sujeito? Que lugar para o sujeito nas drogas? Uma leitura psicanalítica do fenômeno do uso de drogas na contemporaneidade. Revista Ágora, Rio de Janeiro, v.7, n.2, p. 333-346, jul. 2009.

SZUPSZYNSKI, K.P.D.R.; OLIVEIRA, M.S. O modelo transteórico no tratamento da dependência química. Revista Psicologia: Teoria e Prática, v.10, n.1, p. 162-173, 2008.

WARSCHAUER, C. A roda e o registro: uma parceria entre professor, aluno e conhecimento. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.